

2ª PARTE – INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS, GRAMÁTICA E LITERATURA

Texto A

Escrita como texto da cultura

- (1) Num primeiro momento é possível definir a escrita como manifestação gráfica de linguagem, particularmente da língua natural, que ocupa uma posição central dentre os sistemas na cultura. Graças à escrita é que se consagrou, no ocidente, a cultura letrada e o homem leitor. **Ela** não apenas permite aos homens se comunicarem uns com os outros, ou pelo menos possuir essa possibilidade de comunicação, mas também registra dados, pensamentos e ideias, dando forma a tudo o que era efêmero e intangível antes de ser fixado no papel. [...]
- (2) A escrita também é, como todos os outros textos da cultura, dotada de organização enquanto sistema e enquanto processo gerativo de linguagens. A multiplicidade de linguagens dentro do sistema é sua fonte de riqueza e renovação, fazendo com que textos escritos em uma mesma língua possam ser tão diversos e diferentes quanto uma pauta jornalística é de um poema. [...]
- (3) Mas é importante compreender que não escrevemos apenas com palavras. Escrevemos com gestos, com cores e com sons. Assim, a escrita, como texto da cultura, compreende não apenas a manifestação gráfica da língua natural, mas [também] os sentidos e as linguagens desenvolvidos por diferentes códigos. Como texto da cultura, a escrita é uma região de contato entre esses diferentes códigos, ao mesmo tempo em que está em constante interação com outros sistemas, textos e linguagens. Nesse contato, a escrita se caracteriza como uma fronteira não apenas por sua dinâmica no espaço cultural, mas também pela própria pluralidade de significados que ela abriga.
- (4) Certamente, a maior tecnologia que o homem cria a partir de sua própria fala é a escrita. Mas esta é uma questão polêmica. Para o filósofo inglês John Wilkins, a escrita pode ser posterior à fala com relação ao tempo, mas não com relação à sua natureza. Isso porque a escrita é um registro visual que provoca a leitura. Ora, o homem aprendeu a ler bem antes de aprender a escrever e até mesmo a falar. Basta lembrar que as primeiras formas visuais que os homens “leram” foram os rastros dos animais. O homem aprendeu a ler as constelações, os veios das pedras e das madeiras. Há uma lenda antiga que conta que os gregos costumavam rabiscar avisos nas pedras após o plantio, pedindo aos ratos do campo que não se aproximassem do terreno.
- (5) Contar a história da escrita é como contar a história das pessoas e de suas famílias: todas começam do mesmo jeito. E como começa a história da escrita? Começa com as inscrições em cavernas de povos muito antigos. Começa com os sumérios, os fenícios, os egípcios. Começa com as lendas, os pictogramas, os ideogramas. Começa com a transformação do som em palavra. Ou seja, a história da escrita é uma narrativa cheia de enigmas e de transformações. Confunde-se, muitas vezes, com episódios e fenômenos mágicos, sobretudo quando se pensa que o grande personagem dessa história é a **palavra**. Como a palavra, antes de ser escrita, existiu enquanto som, na fala, a transformação do som em palavra faz parte da história da escrita, que só se inicia de fato quando os sons da fala são expressos graficamente. [...]
- (6) Conhecer a história da escrita é andar por caminhos que se bifurcam, onde se cruzam e se misturam muitas línguas e muitas linguagens.

(Semiosphera. USP. São Paulo. Disponível em <http://www.usp.br/semiosphera/escrita_como_texto_da_cultura.html> Acesso em 2 set. 2010. Adaptado)

01. O entendimento dos sentidos e das intenções que perpassam o texto A, em sua globalidade, nos autoriza a fazer os seguintes comentários:

- I. Uma ideia que se destaca no texto A concerne à natureza da escrita que, como sistema, possibilita não apenas a manifestação gráfica da palavra falada mas também a geração de diferentes recursos mobilizados por outros códigos e linguagens.
- II. Conforme o que se expõe no segundo parágrafo, a escrita, por ser um sistema estruturado e organizado internamente, resiste, com sucesso, às renovações culturais, desde a expressão das linguagens jornalísticas às produções da literatura.
- III. O texto A ressalta a vinculação entre a escrita e a leitura, embora considere a leitura numa dimensão bem ampla: ler como interpretar. Daí a referência à leitura dos ‘rastros dos animais’, das ‘constelações’, dos ‘veios das pedras e das madeiras’.

- IV.** A história da escrita, cujo início, por vezes se confunde com o repertório de lendas, episódios e fenômenos mágicos de povos muito antigos, constitui uma narrativa cheia de enigmas e de transformações.
- V.** Os sons da fala, historicamente, constituíram o ponto de partida da escrita. No entanto, a multiplicidade de funções próprias da fala não ocorre nas atividades de escrita. A escrita é homogênea e unívoca em seus significados culturais.

A afirmativa é VERDADEIRA apenas nos itens:

- A) I, II e V.
B) I, III e IV.
C) II, III e IV.
D) III, IV e V.
E) I, IV e V.

02. Para a manutenção da unidade temática do Texto A – uma das condições fundamentais de sua coerência, vale a pena destacar

- I.** a correção gramatical com que o texto está expresso, pois transgressões de ordem morfossintática, por exemplo, comprometem a unidade semântica do texto. Um texto coerente deve ser, necessariamente, ‘um texto correto’.
- II.** a concentração em palavras de campos semânticos afins, como em: fala, escrita, leitura, cultura, inscrição, registro visual etc. Essas unidades funcionam como elos que deixam os tópicos e subtópicos do texto em articulação.
- III.** o desdobramento do tópico principal em subtópicos a ele vinculados, de forma que se pode reconhecer um macroconteúdo – *a escrita e sua posição central dentre os sistemas na cultura* – e conteúdos mais pontuais, como *a relação entre fala e escrita, entre escrita e leitura*.
- IV.** a articulação promovida entre os diferentes parágrafos por meio do uso de certas expressões sequenciadoras, que exigem do leitor, para uma interpretação adequada, a estratégia de ir integrando cada parte no todo.
- V.** a divisão do texto em sete parágrafos. Em geral, um texto – para ter garantida sua unidade temática – precisa estar subdividido em mais de dois parágrafos. A exigência de uma ‘introdução’ e de uma ‘conclusão’, pelo menos, se aplica a todo tipo e a todo gênero de texto.

Assinale a alternativa que apresenta apenas afirmativas CORRETAS.

- A) I, III, IV e V.
B) I, II e V.
C) I, II, IV e V.
D) II, III e IV.
E) II, III, IV e V.

03. Apoiados no material linguístico com que o Texto A se constitui, podemos admitir as seguintes conclusões:

- I.** o texto deixa explícita sua condição de intertextualidade, como estratégia de emprestar apoio às suas afirmações, ainda mais que se trata de “uma questão polêmica”.
- II.** o contexto cultural previsto para a circulação do texto justifica o teor formal de sua linguagem, inclusive, o uso de um vocabulário mais distante do usual.
- III.** a função expressiva que predomina no Texto A se ajusta a seu caráter narrativo e condiciona o uso de uma linguagem marcada por impressões subjetivas.
- IV.** o texto exhibe sinais de coesão entre os parágrafos, expressos não apenas por diferentes unidades de conexão (‘mas’, ‘além de’, ‘Eles’) mas também pela repetição de unidades do léxico.
- V.** o último parágrafo assume um teor de generalização, bem apropriado a um momento de ‘remate’ do texto, tanto mais que se trata da apresentação de considerações teóricas.

Estão CORRETAS as afirmações que constam apenas nos itens

- A) I e II.
B) I, II e V.
C) I, IV e V.
D) II, III e IV.
E) I, II, IV e V.

04. Cada palavra que compõe um texto cumpre uma determinada função discursiva, de modo que “nada em um texto ocorre por acaso ou deixa de cumprir alguma função”. Em passagens do texto A, por exemplo, podemos reconhecer que

- I. o pronome pessoal destacado no primeiro parágrafo é uma expressão que retoma outra precedente (‘a cultura letrada’), garantindo, assim, a continuidade semântica do texto.
- II. o uso das aspas em: *Basta lembrar que as primeiras formas visuais que os homens “leram” foram os rastros dos animais* tem a função de sinalizar que a palavra está sendo usada com um sentido diferente daquele que lhe é habitualmente atribuído.
- III. no trecho: “Como a palavra, antes de ser escrita, existiu enquanto som, na fala, a transformação do som em palavra faz parte da história da escrita”, o segmento sublinhado estabelece entre as duas orações uma relação de comparação.
- IV. no quinto parágrafo, em resposta à pergunta: “Como começa a história da escrita?”, percebe-se a reincidência do segmento ‘Começa com...’, a qual tem claramente uma função reiterativa e enfática.
- V. no trecho: *E a escrita se caracteriza como uma fronteira não apenas por sua dinâmica no espaço cultural mas também pela própria pluralidade de significados que ela abriga*, fica evidente uma relação de oposição, expressa pelos conectivos marcados.

Estão CORRETAS as afirmações que constam apenas nos itens

A) I e II.

B) I, II e V.

C) II e IV.

D) III, IV e V.

E) I, IV e V.

Texto B

Palavras sem fronteiras

Empréstimo de termos estrangeiros pode evitar "autismo" linguístico de um idioma

Muito se combate a penetração de palavras estrangeiras na nossa língua. Se até certo ponto esse combate se justifica, todo radicalismo, como exigir o banimento puro e simples de todo e qualquer termo estrangeiro do idioma, cheira a preconceito xenófobo, fanatismo cego e, mais ainda, ignorância da real dinâmica das línguas.

Antes de lançar ao fogo do inferno tudo o que vem de fora, é preciso tentar compreender sem paixões por que os estrangeirismos existem. Se olharmos atentamente para todas as línguas, veremos que nenhuma tem se mantido pura ao longo dos séculos: intercâmbios comerciais, contatos entre povos, viagens, grandes ondas migratórias, disseminação de fatos culturais, tudo isso tem feito com que as línguas compartilhem palavras e expressões. Até o islandês, que, para muitos, é a língua mais pura do mundo, sem nenhum termo de origem estrangeira, é na verdade um idioma altamente influenciado por línguas mais centrais e hegemônicas. O que ocorre é que o islandês traduz os vocábulos que lhe chegam de fora, usando material nativo. No islandês, os estrangeirismos estão apenas camuflados. (...)

Afinal, em viagens pelo mundo, é reconfortante reconhecer vocábulos familiares como "telefone", "hotel", "restaurante", "táxi", "hospital", ainda que ligeiramente modificados pela fonética e ortografia do país que visitamos.

Portanto, quando se trata de discutir uma política de proteção do idioma contra uma suposta "invasão bárbara", é preciso, em primeiro lugar, compreender que nenhuma língua natural passa incólume às influências de outras línguas, e que isso, na maioria das vezes, é benéfico tanto para quem exporta quanto para quem importa palavras. Toda língua se vê enriquecida com contribuições externas, que sempre trazem novas visões de mundo, por vezes simplificam a comunicação e, sobretudo, tiram o idioma de uma situação de "autismo" linguístico.

Dando por assentada a questão de que o empréstimo de palavra estrangeira é um fenômeno legítimo da dinâmica das línguas e, acima de tudo, inevitável, cabe então distinguir quando um empréstimo é necessário ou não, quando é oportuno ou inoportuno. Afinal, uma coisa é a introdução em nossa sociedade de um novo conceito (por exemplo, uma nova tecnologia, um fato social inédito, uma nova moda) que, por ser originário de outro país, chegue até nós acompanhado do nome que tem na língua de origem. Foi assim com o whisky (ou uísque), a pizza, o futebol (e os nomes das posições dos jogadores, depois traduzidas para o português), a informática, e assim por diante. Outra coisa é dar nomes estrangeiros a objetos que já têm nome em português. (...)

Os empréstimos oportunos acabam algumas vezes traduzidos ou aportuguesados, outras vezes não. Mas, se eles existem na nossa língua, é porque somos grandes importadores de objetos e fatos culturais inventados por outros povos. Ou seja, importamos palavras mais do que exportamos porque, no fundo, somos pouco criativos em matéria de tecnologia. (...)

Ora, em questões de língua, como em tudo mais na vida, a virtude está no meio: nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Portanto, não se deve adotar nem uma postura de servilismo ao que é estrangeiro nem uma atitude chauvinista em relação ao que é nacional. Afinal, o purismo linguístico é algo tão irritantemente pedante quanto o estrangeirismo mercadológico.

(Aldo Bizzocchi. Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Segmento. Adaptado)

05. Há um tema que tem sido objeto de amplas discussões e tem envolvido até mesmo um projeto político de controle do idioma. Sobre esse tema, o escritor Aldo Bizzocchi se pronuncia no Texto B. Uma análise das considerações feitas por esse autor nos leva às seguintes sínteses :

- I.** Convém que a entrada de palavras estrangeiras na língua seja compreendida em suas causas e motivações socioculturais. Além disso, convém que a questão seja vista com equilíbrio, sem radicalismos nem simplismos reducionistas.
- II.** O empréstimo de termos estrangeiros é um fato inevitável em um mundo que cultiva os intercâmbios comerciais, a propagação da diversidade de tendências culturais, o contato entre povos de línguas e visões de mundo diferentes.
- III.** O fato de línguas diferentes compartilharem elementos de seu repertório linguístico atesta uma postura de servilismo por parte de quem importa. Afinal, a necessidade de importar objetos e fatos culturais prova a insuficiência de nossa cultura.
- IV.** Dada a legítima dinâmica das línguas, todo empréstimo é necessário e oportuno. Promove o enriquecimento da língua, além de evitar seu isolamento e afastar o risco de um "autismo" linguístico e cultural.
- V.** Se se admite que “nenhuma língua natural passa incólume às influências de outras línguas”, pode-se concluir que a entrada de palavras estrangeiras em uma língua constitui um fenômeno legítimo e não, um sinal de sua decadência.

São aceitáveis apenas as sínteses que constam nas afirmativas

A) I, II e V.

B) I, III e IV.

C) I, III e V.

D) I, II e IV.

E) III, IV e V.

06. A análise de algumas expressões do Texto B nos permite admitir que

- I.** um ‘preconceito xenófobo’ significa uma espécie de preconceito radical, alimentado contra toda e qualquer inovação cultural.
- II.** a expressão ‘lançar ao fogo do inferno’ constitui uma metáfora que exprime um sentido de radicalismo, de rejeição extrema.
- III.** a referência a ‘grandes ondas migratórias’ recupera, entre outros, os fatos históricos dos Descobrimentos, que puseram em contato europeus e nativos da América.

- IV.** admitir que ‘os estrangeirismos estão apenas camuflados’ corresponde a aceitar que eles existem embora sejam sutis ou não perceptíveis.
- V.** a expressão ‘o purismo linguístico’ pressupõe que as línguas devem manter-se originais e inalteráveis, apesar de suas trajetórias de vizinhanças e contatos.

Os comentários estão CORRETOS apenas nos itens

- A) I, II e III.
B) II, III e IV.
C) II, IV e V.
D) I, III e IV.
E) II, III, IV e V.

07. As ‘variações de um texto’ se justificam por muitos fatores e assumem diferentes manifestações. No caso do Texto B, por exemplo:

- I.** ficaria comprometido o potencial semântico e a função comunicativa de sua formulação, caso o autor tivesse optado por fugir à norma culta da língua portuguesa.
- II.** o autor assume uma linguagem precisa e relevante, uma vez que oferece sustentação para os argumentos apresentados (veja-se o exemplo que dá em relação ao islandês).
- III.** o autor, em dado momento, pretende mostrar-se incluído na interação com o grupo. Por isso, recorre ao uso da primeira pessoa, como em: ‘*Se olharmos atentamente para todas as línguas, veremos que...*’.
- IV.** a sequência verificada nos parágrafos é característica de um texto expositivo. Se se tratasse de um gênero narrativo – como uma notícia, o mais comum seria uma ordem cronológica.
- V.** a finalidade prevista e os interlocutores pensados para esse texto justificam o uso de uma formulação textual distinta do padrão informal, não monitorado e distenso.

As observações são aceitáveis apenas nas afirmativas

- A) I, II e III.
B) II, III e V.
C) I, II e IV.
D) II, III, IV e V.
E) IV e V.

08. As normas da concordância verbo-nominal constituem um padrão privilegiado para o que se considera ‘o português culto’. De acordo com tais normas:

- I.** o sujeito – simples ou composto, singular ou plural – quando vem posposto, deixa o verbo no singular, como em: *Falta políticas de proteção do idioma contra a entrada injustificada de palavras estrangeiras.*
- II.** se o núcleo do sujeito é um pronome indefinido singular, seguido de um complemento no plural, o verbo fica no plural, como em: *Nenhum dos empréstimos oportunos acabaram por ser traduzidos ou aportuguesados.*
- III.** o verbo *haver*, no sentido de *existir*, é impessoal, mas em alguns contextos admite a concordância no plural, como em: *Ao longo dos séculos, houveram intercâmbios comerciais, contatos entre povos, viagens, grandes ondas migratórias, disseminação de fatos culturais.*
- IV.** em alguns casos, o verbo *ser* pode concordar com o predicativo e não com o sujeito, como em: *O empréstimo de palavras estrangeiras são fenômenos legítimos da dinâmica das línguas.*
- V.** a concordância do verbo é, fundamentalmente, com o núcleo do sujeito, como em: *Até hoje, a experiência das crianças mostra como é fácil fazer gestos virarem desenhos quando elas aprendem a escrever.*

As observações são aceitáveis, do ponto de vista da correção gramatical, apenas nas afirmativas

- A) I, II e III.
B) II, III e V.
C) I, II e IV.
D) III e IV.
E) IV e V.

Texto C

“(…) de um lado, a preocupação com os problemas sociais; de outro, com os problemas individuais, ambos referidos ao problema decisivo da expressão, que efetua a sua síntese. O bloco central da obra de Drummond é, pois, regido por inquietudes poéticas que provêm uma das outras, cruzam-se e, parecendo derivar de um egotismo profundo tem como consequência uma espécie de exposição mitológica da personalidade.”

(Antonio Candido. Inquietudes na poesia de Drummond. *Vários escritos*. S. Paulo: Duas Cidades, 1977, p. 96)

09. Sobre as considerações acerca da poética de Drummond, realizadas por Antonio Candido, na citação acima, analise as estrofes abaixo:

- I.** “Perdi o bonde e a esperança.
Volto pálido para casa.
A rua é inútil e nenhum auto
passaria sobre o meu corpo.”
- II.** “Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.”
- III.** “O jardim tornou-se fantástico.
As flores são placas cinzentas.
E a areia, sob pés extintos,
é um oceano de névoa.”
- IV.** “E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?”
- V.** “Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo,
mas estou cheio de escravos,
minhas lembranças escorrem
e o corpo transige
na confluência do amor.”

As estrofes que NÃO contemplam as considerações de Antonio Candido são:

- A) I e IV.
B) III e V.
C) II e III.
D) II e IV.
E) I e III.

10. No romance *Senhora*, de José de Alencar, as características que faz de Fernando Seixas um herói romântico são:

- | |
|--|
| <p>I. a preocupação com a família, quando esta lhe solicitou o dinheiro que lhe foi confiado para poupança e ele havia gastado em seu próprio benefício. Martirizou-se por saber que a irmã dependia desse dinheiro para se casar. Não tendo outra saída, sentiu-se obrigado a aceitar a proposta de Aurélia para se casar com ela pelo dote de cem contos de réis, sem nada lhe revelar.</p> <p>II. a elegância excessiva de Fernando Seixas que o caracteriza como personagem idealizada.</p> <p>III. o fato de trair Aurélia devido a um casamento que lhe oferecia mais vantagens.</p> <p>IV. a importância dada por Fernando Seixas aos prazeres e às futilidades da época.</p> <p>V. o desfrute da riqueza oferecida por Aurélia sem nenhuma preocupação.</p> |
|--|

Somente está **CORRETO** o que se afirma em

- A) I e II.
- B) I e III.
- C) II e IV.
- D) III e V.
- E) IV e V.

11. Em relação às características que fazem desse romance - *Senhora* -, de José de Alencar um precursor do romance realista, assinale V para Verdadeiro e F para Falso nas afirmativas abaixo:

- | |
|--|
| <p>() A linguagem metafórica e a concepção idealizada do amor.</p> <p>() A crítica à futilidade dos comportamentos e fragilidade dos valores burgueses, oriundos do capitalismo brasileiro emergente na época.</p> <p>() O amor como único meio de redimir todos os males.</p> <p>() O temor da realização amorosa.</p> <p>() O casamento por interesse, a independência feminina e a ascensão social a qualquer preço.</p> |
|--|

Assinale a alternativa que apresenta a sequência **CORRETA**.

- A) F; V; F; F; V.
- B) V; F; F; F; V.
- C) F; F; V; F; V.
- D) F; V; V; V; F.
- E) F; V; F; V; V.

Nas questões de 12 a 16, assinale, na coluna I, as afirmativas verdadeiras e, na coluna II, as falsas.

Texto D

Pensão familiar

Jardim da pensãozinha burguesa.
Gatos espapaçados ao sol.
A tiririca sitia os canteiros chatos.
O sol acaba de crestar as boninas que murcharam.
Os girassóis

amarelo!

resistem.

E as dalias, rechonchudas, plebéias, dominicais.

Um gatinho faz pipi.

Com gestos de garçom de restaurant-Palace

Encobre cuidadosamente a mijadinha.

Sai vibrando com elegância a patinha direita:

- É a única criatura fina na pensãozinha burguesa.

(Manuel Bandeira. Libertinagem em *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, pp. 126, 127)

12. Com base no poema acima, analise as afirmativas abaixo e conclua.

I	II
---	----

0	0
---	---

O poeta recebeu influência das estéticas parnasiana e simbolista.

1	1
---	---

O elemento humano está ausente, mas se pode perceber a prosopopeia logo no primeiro verso.

2	2
---	---

O poeta está falando de sua vida, pois já morou em pensão.

3	3
---	---

Morfologicamente, “gatinho” e “pensãozinha” têm em comum o sufixo diminutivo, que os apequena, porém, semanticamente, esse sufixo opera em sentido diverso para gato e pensão: para esta, conota o amesquinamento da vida; para aquele, a espontaneidade graciosa das crianças.

4	4
---	---

O poeta faz uma abordagem temática das coisas simples e banais que compõem o cotidiano.

Texto E

(...) Uma tarde surpreendi no oitão da capela [...] Luís Padilha discursando para Marciano e Casimiro Lopes:

- Um roubo. É o que tem sido demonstrado categoricamente pelos filósofos e vem nos livros. Vejam: mais de uma légua de terra, casas, mata, açude, gado, tudo de um homem. Não está certo.

- O senhor tem razão, seu Padilha. Eu não entendo, sou bruto, mas perco o sono assuntando nisso. A gente se mata por causa dos outros. É ou não é Casimiro?

Casimiro Lopes franziu as ventas, declarou que as coisas desde o começo do mundo tinham dono.

- Qual dono! gritou Padilha. O que há é que morremos trabalhando para enriquecer os outros.

(...) Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste.

(...) Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo.

Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins.

(Graciliano Ramos. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 1984, pp. 59,60,101,187).

13. Considerando os fragmentos acima no contexto do romance, analise as afirmativas e conclua.

I	II
---	----

0	0
---	---

O romance trata dos grandes latifundiários, ou seja, donos de grandes extensões de terras que se enriquecem apropriando-se do trabalho de pessoas pertencentes às camadas mais pobres da sociedade, sem lhes pagarem o que merecem.

1	1
---	---

“vida agreste” e “alma agreste”, a que Paulo Honório se refere, significa que ele tinha esses atributos por residir no Nordeste do país.

2	2
---	---

Paulo Honório conseguiu se apropriar da fazenda São Bernardo, da vida das pessoas que trabalhavam com ele, porém não conseguiu se apropriar da vida de Madalena, sua esposa.

3	3
---	---

A narrativa traz uma das características predominantes na escritura de Graciliano Ramos, que é a elaboração através de períodos breves, obtendo o máximo de efeito com o mínimo de recursos.

4	4
---	---

Paulo Honório, perseguido pelo remorso, utiliza-se da narrativa em terceira pessoa, para contar a sua própria história e, com isso, afastar seus fantasmas.

Textos para a questão 14.

<p style="text-align: center;">Morte e vida severina</p> <p><i>- Desde que estou retirando só a morte vejo ativa, só a morte deparei e às vezes até festiva; só morte tem encontrado quem pensava encontrar vida, e o pouco que não foi morte foi de vida severina (aquela vida que é menos vivida que defendida, e é ainda mais severina para o homem que retira).</i></p> <p>(João Cabral de Melo Neto. <i>Morte e vida Severina</i>: e outros poemas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 109)</p>	<p style="text-align: center;">Emigração e as consequências</p> <p><i>A fome é o maior martírio Que pode haver neste mundo, Ela provoca delírio E sofrimento profundo Tira o prazer e a razão Quem quiser ver a feição Da cara da mãe da peste, Na pobreza permaneça, Seja agregado e padeça Uma seca no Nordeste</i></p> <p>(Patativa do Assaré. <i>Patativa do Assaré uma voz do Nordeste</i>. Introd. e seleção Sylvie Debs. São Paulo: Hedra, 2000, p. 93)</p>	<p style="text-align: center;">ABC do Nordeste flagelado</p> <p><i>N – Naquele duro transporte Sai aquela pobre gente Agüentando paciente O rigor da triste sorte Levando a saudade forte De seu povo e seu lugar Sem nem um outro falar Vão pensando em sua vida Deixando a terra querida Para nunca mais voltar</i></p> <p>(Patativa do Assaré. <i>Patativa do Assaré uma voz do Nordeste</i>. Introd. e seleção Sylvie Debs. São Paulo: Hedra, 2000, p. 125)</p>
---	---	--

14. Considerando os excertos acima no contexto dos poemas a que pertencem, analise as afirmativas abaixo e conclua.

I	II	
0	0	O significado do adjetivo “severina”, que, no primeiro excerto, é utilizado para nomear uma espécie de “sobrevida”, caracterizada pela pobreza e pela degradação, também permeia o segundo e o terceiro excertos.
1	1	O último excerto trata de pessoas que abandonam sua terra e renegam a sua cultura por vergonha da situação vivida.
2	2	A inversão da frase “vida e morte” no título do poema ao qual pertence o primeiro excerto, comumente usada pelos falantes de língua portuguesa, sugere que, para os retirantes da seca, a morte sobrepuja a vida.
3	3	Na construção dos três excertos, os poetas recorrem à mesma figura de construção que é a anáfora.
4	4	Os três excertos pertencem a poemas cuja forma adotada em sua construção é o soneto.

15. Sobre as *Cartas Chilenas*, de Tomás Antônio Gonzaga, analise as proposições abaixo e conclua.

I	II	
0	0	Há bucolismo no texto, tendo em vista pertencer ao Arcadismo.
1	1	Todos os versos são brancos, ou seja, não dispõem de rimas.
2	2	Trata-se de uma sátira endereçada ao governador da época, Luís da Cunha Meneses, criticando os desmandos administrativos e a corrupção praticados por este na capitania de Minas Gerais.
3	3	Trata-se de um poema lírico-amoroso em que o pastor declara o seu amor de forma tão enfática que o conjunto dos versos pode ser entendido como um convite de casamento.
4	4	Constitui-se em um poema elaborado por meio de uma linguagem totalmente rebuscada que remete à estética barroca.

Texto F

“(…) A gente via Brejeirinha: primeiro, os cabelos, compridos, lisos, louro-cobre; e, no meio deles, coisicas diminutas: a carinha não-comprida, o perfilzinho agudo, um narizinho que-carícia. Aos tantos, não parava, andorinhava, espiava agora – o xixixi e o empapar-se da paisagem – as pestanas til-til.”

João Guimarães Rosa. “Partida do audaz navegante”. Primeiras estórias.

16. Brejeirinha é a personagem principal de “Partida do audaz navegante”, conto de Guimarães Rosa. Sobre essa personagem, analise as proposições e conclua.

I	II
---	----

0	0
---	---

Brejeirinha constrói, ao longo do conto, a narrativa que dá origem ao título.

1	1
---	---

Brejeirinha não é uma narradora dentro da narrativa, mas, apenas, uma personagem.

2	2
---	---

A descrição que o narrador faz da personagem demonstra suas características infantis e a ternura que ele – o narrador – sente por ela.

3	3
---	---

O seu nome – Brejeirinha – e a palavra “andorinhava”, neologismo criado pelo autor, para lhe atribuir as características das ações de uma ave, no sentido de demonstrar que, apesar de ser tão pequena, era rápida e dinâmica, remete, também, à esperteza da personagem.

4	4
---	---

Não é Brejeirinha quem conta história dentro da narrativa, mas, sim, suas irmãs: Pele e Ciganinha.